

A arte e a espiritualidade Relato de experiência da Aliança Municipal Espírita, no Hospital Otto Krakauer de Passos (MG) Brasil.

Maria José Lemos* & Evandro Bogo **

84

Este artigo é o relato de experiência da Aliança Municipal Espírita de Passos (MG) – AME, no Hospital Otto Krakauer de Passos (MG), mantido e fundado pela Fundação Beneficente São João da Escócia, que atende no modelo ambulatorial e internação integral, pacientes portadores de transtornos mental e dependentes químicos. O trabalho desenvolvido, como prática social, apontou caminhos e possibilidades para vivências espirituais, até então não experienciadas. A sensação ligada à experiência da beleza é uma sensação de dignidade onde tudo se relaciona e interage. A escolha dos elementos que compõem um ambiente físico são atributos dos princípios de humanização, para agregar valor, conforto e respeito à vida humana. É preciso ter consciência da pessoa que utiliza o espaço, de suas necessidades e expectativas para proporcionar-lhe um ambiente capaz de supri-las e superá-las, trazendo-os para próximo de sua natureza, de seus sentimentos, especialmente os abandonados pelos seus familiares, entre os muros desgastados do internamento.

This article is the experience of Municipal Spiritist steps Alliance (MG) - SMA at Hospital Otto Krakauer sequence (MG), maintained and funded by Charitable Foundation St. John of Scotland in Brazil who attends the outpatient model and full hospitalization of patients with mental disorders and drug addicts. The work as a social practice, identified approaches and possibilities for spiritual livings, not previously experienced. The feeling connected to the beauty of the experience is a sense of dignity where everything relates and interacts. The choice of the components of a physical environment are attributes of humanization principles, to add value, comfort and respect for human life. One must be aware of the person using the space, their needs and expectations to provide you with an environment that supply them and overcome them, bringing them close to his nature, of his feelings, especially those abandoned by their family, among the worn relocation walls.

Considerações iniciais

Este artigo é o relato de experiência da Aliança Municipal Espírita de Passos (MG) no Hospital Otto Krakauer, mantido e fundado pela Fundação Beneficente São João da Escócia, que atende no modelo ambulatorial e internação integral em 115 municípios do Sul e Sudoeste de Minas Gerais. Inaugurado em 14 de maio de 1975, ocupa hoje a 3ª colocação na classificação de hospitais especializados, no estado de Minas Gerais, pelo número de leitos para 156 pacientes masculinos e femininos portadores de transtorno, mental e dependência química. O hospital realiza diagnóstico, tratamento, promoção e reabilitação psíquica, física, social e profissional. As especialidades médicas da psiquiatria, clínica generalista e cardiologista compõem a equipe médica no serviço ambulatorial e internação.

* Assistente social, mestre em Administração de Serviços em Saúde Pública, pelo Instituto Superior de Ciências Médicas de Havana-CUBA, título revalidado pelo Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia, coordenadora do curso de Serviço Social do INESP/FUNEDI/UEMG.

** Engenheiro químico, administrador com MBA pela FESP junto a FGV, pós graduado em Psicologia Educacional Latu Sensu, educador, consultor de empresas, conferencista e diretor administrativo do Hospital Otto Krakauer e Recanto Geriátrico de Passos, presidente da Aliança Municipal Espírita de PASSOS (MG).



O crescente déficit econômico financeiro do hospital desde 2008, levou a diretoria do biênio 2013/2014 a buscar na sociedade local e regional, parcerias para implantação de um o modelo em consonância com a reforma psiquiátrica e as políticas públicas para saúde mental. Como processo social, as políticas de saúde mental são complexas e a Reforma Psiquiátrica propõe novas referências de sociabilidade, novos contratos sociais de relações e um lugar político social inclusivo.

“Uma fábula oriental conta a história de um homem em cuja boca, enquanto ele dormia, entrou uma serpente. A serpente chegou ao seu estomago, onde se alojou e passou a impor ao homem a sua vontade, privando-o assim da liberdade. O homem estava à mercê da serpente já não se pertencia. Até que uma manhã o homem sente que a serpente havia partido e que era livre de novo. Então se dá conta de que não sabe o que fazer de sua liberdade. No longo período de domínio absoluto da serpente, ele se habituara de tal maneira a submeter à vontade dela a sua vontade, aos desejos dela seus desejos e aos impulsos dela seus impulsos, que havia perdido a capacidade de desejar, de tender para qualquer coisa e de agir autonomamente. Em vez da liberdade ele encontrava o vazio, porque junto com a serpente saíra a sua nova essência, adquirida no cativeiro, e não lhe restava mais do reconquistar pouco a pouco o antigo conteúdo humano de sua vida”. (Amarante, 2003: 66)

Nesta movimentação social, a fundação convidou a Aliança Municipal Espírita – AME de Passos (MG) para implantar um trabalho nas diretrizes da doutrina espírita. Após visitas e reuniões com a equipe técnica e a diretoria do hospital, os médiuns associados da AME, decidiram propor e fundamentar o trabalho referenciando a arte e a espiritualidade, como estratégia de ação.

O estudo do Espiritismo nas suas relações com a arte limita-se com os mais vastos problemas do pensamento e da vida, em direção a uma concepção ampla e precisa

das regras de harmonia, beleza e humanização, segundo as quais todas as coisas estão e são estabelecidas no Universo. A arte transforma a experiência, reconstrói e cria novos objetos, sons, imagens, enunciando em linguagens inacessíveis à linguagem e às percepções ordinárias. Iguala os desiguais. São incomensuráveis as consequências dessa alteridade. (Denis, 1922)

A singular linguagem da arte é a busca, o estudo, a manifestação e inspiração da beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, apenas um reflexo. Para contemplá-la em todo o seu esplendor, em todo o seu poder, é preciso subir de grau em grau em direção à fonte de onde ela emana e conhecer o espetáculo que o Universo oferece aos nossos sentidos e também pelas obras que ela inspira aos homens para que **“acordes para ti mesmo”** e descubras tua vocação ontológica de ser ou realizar-te, como imagem e semelhança de Deus. (Denis, 1922)

A espiritualidade está se defrontando, cada vez mais, com questões da pós-modernidade, do entusiasmo e ênfase pela globalização e das exortações sobre a nova ordem mundial, pelos valores que lhe são e estão subjacentes. A espiritualidade é um fenômeno humano é parte da existência e da natureza humana, entendida como uma maneira de experimentar o mundo, de viver, de interagir com outras pessoas envolvendo atitudes e maneiras, individuais ou coletivas de pensar, olhar, falar, sentir, mover-se e agir e estamos sempre sendo desafiados a algumas indagações, que nos levam à espiritualidade como missão e responsabilidade inerente a todos nós. (Portal, 2004)

Espiritualidade é viver com espírito e, portanto, é uma dimensão constitutiva do ser humano. Espiritualidade é uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto sentido e vitalidade, por isso espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Isso significa que tudo na existência é visto a partir de um novo olhar onde o ser humano vai construindo a sua integralidade e a sua integração com tudo que o cerca. (Muller, 2004: 9)



Para fundamentar nossas atividades, nos propusemos em primeiro momento conhecer as atividades desenvolvidas com os pacientes pela equipe técnica do hospital. Em seguida iniciamos uma revisão nas experiências de serviços organizados nas oficinas terapêuticas em hospitais que atendem dia e de tempo integral.

Nosso intuito foi poder pensar e refletir que cosmovisão e qual concepção de atividade se articularam e articulam, até hoje, para apoiar nossa proposta de humanizar os espaços físicos do hospital e ao mesmo tempo encontrar o ponto de inflexão dos princípios da espiritualidade, que dão sentido à vida, às diversidades e aos seus mistérios, que permitem às pessoas se abrirem para ouvir, desvelar e partilhar com confiança os próprios limites e limitações para posicionar-se frente ao outro de maneira responsável e para uma tomada de decisão, engajada e participativa.

Realidades e decisões

A loucura - quando “resguardada” dos olhos dos familiares e da sociedade, quando acobertada pelos altos muros dos hospitais, suas grades de contenção e seu isolamento instrumental - não deixa transparecer as graves questões sociais que, quando flagradas com os holofotes da realidade, descortinam um cenário impactante, que não é possível esconder e ou ocultar. Cenário esse que foi apresentado aos nossos olhos, em maio de 2014, na confraternização oferecida pela Fundação São João da Escócia aos dirigentes, médiuns e a mocidade das casas espíritas, associadas a AME.

“E agora, José?” (Drummond, 1942) cita a Foucault (2000) enfatiza que:

(...) deixada sozinha e destacada de seus antigos parentescos, entre os muros desgastados do

internamento, a loucura se constituiu num problema – colocando questões que até então nunca havia formulado. Ela, sobretudo, embarçou o legislador, que não podendo deixar de sancionar o fim do internamento, não mais sabia em que ponto do espaço social situá-la – prisão, hospital ou assistência familiar. (Foucault, 2000: 417.)

Essa citação de FOUCAULT foi o ponto crucial para aqueles que jamais haviam tomado contato com essa realidade. As perguntas vieram: Quem eram? E como eram tratados? E por que ali estavam? De onde vinham?

*Vindos do sertão,
Vindos da roça
Ou da cidade.
O que importa?
Importante mesmo
É que, como todos nós,
Os loucos são vindos de algum lugar,
De alguma família,
De algum desejo...
Têm história, assim
Como nós ... normais...
E é normal que tenham
Seu lugar, onde todos estamos...
Quando no delírio,
São reis, fadas, magos, Deus!
Quando “acordam”,
querem apenas
Ser gente.
Como nós...
Só isso ...
Querem SER!*1*

O véu, todavia, não tinha sido descortinado total. A visita seguiu pelas dependências do hospital e os ecos dos passos nos remetiam aos brilhantes estudos de Foucault (2000: 19) “se a loucura conduz a todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade.” E também de Goffman (1982) nos remete a refletir a nossa prepotência de julgarmos que alguém com um estigma

1.- Poema , escrito em março de 2006 por Virgínia Raimunda Ferreira, assistente Social, professora do curso de Serviço Social do Instituto de Ensino Superior de Ensino e Pesquisa – INESP, mantido pela FUNEDI/UEMG – DIVINOPOLIS/BRASIL, especialista em Políticas Públicas e o Serviço Social, pela PUC. MG.



não seja completamente humano, construindo teorias e ideologias, para explicar as inferioridade e as diferenças estigmatizadoras do ser humano para dar conta do perigo que ela representa, racionalizando, algumas vezes, uma animosidade baseada em outras diferenças, entre elas a pobreza. Realidade própria do nosso cotidiano, dia após dia, fatos vão se misturando ao nosso ritmo e vamos perdendo a dimensão de fraternidade, solidariedade, e generosidade para aqueles que reclamam um olhar, um ato de verdade de nosso amor.

A diretoria da AME e a orientadora espiritual do trabalho, após reuniões com a equipe técnica do hospital, convocou uma reunião com os representantes das casas espíritas, artistas plásticos e artesãos para definir o trabalho.

As práticas espirituais desenvolvidas nas casas espíritas, tais como passes, desobessessão, doutrinação, a prática do evangelho, dentre outras, não seriam desenvolvidas pelo grupo. A decisão tomada considerou a condição de internação dos pacientes, às normas da instituição e a vulnerabilidade do pacientes portadores de transtornos mentais graves, especialmente quando da vigência de sintomas psicóticos como alucinações ou delírios religiosos.

As atividades se iniciariam com a recuperação, embelezamento e humanização dos ambientes de convivência coletiva, pátios, quiosques, jardins, refeitórios, etc.

A humanização é entendida como valor, na medida em que resgata o respeito à vida humana. Abrange circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano. Segundo as palavras de Mezzomo (2002) para humanizar é preciso entender o conceito de ser humano. É preciso ter consciência da pessoa que utiliza o espaço, de suas necessidades e expectativas, para proporcionar-lhe um ambiente capaz de supri-las e superá-las, tornando-a mais próxima de sua natureza, de seus sentimentos, em específico, os pacientes portadores de transtornos mentais e os dependentes químicos.



Fuente: Imagen proporcionada por el autor.

Um pouco de história

Nosso sobrevoos histórico, para referenciar nossos caminhos, inicia com Pinel que transformou o trabalho na base do funcionamento asilar. Ele afirmava que “o meio mais seguro e talvez a única garantia da manutenção da saúde, do bom comportamento e da ordem, é a lei de um trabalho mecânico rigorosamente executado” (Foucault, 1972: 488).

Roberto Machado (1978) nos ensina que uma característica básica do asilo para doentes mentais é o controle do tempo, dos corpos e das mentes dos internos e que diferentes atividades se prestam muito bem a desempenhar este papel. A institucionalização os isola do contato com o mundo exterior e passa a se encarregar da totalidade de suas vidas, prescrevendo para eles ocupações; entre elas, o trabalho como principal meio de cura, ofertado nas oficinas de costura, bordado, artesanato.

Nossas buscas das experiências com arte chegam a Osório César, psiquiatra e pesquisador, no Hospital Juquery, de São Paulo, na década de 20 a 30 do século XX, que levado pelo seu interesse pela arte desviou o eixo hegemônico estabelecido nos tratamentos dos pacientes. Osório César, músico e crítico de arte, ao ver aqui e





Fuente: Imagen proporcionada por el autor.

ali, jogados, soltos, espalhados - em folhas de papel, nas paredes, no chão - traçados, linhas, formas que passa a recolher, catalogar e analisar sistematicamente, considerando-os trabalhos expressivos com evidentes qualidades artísticas. Olha para eles e vê, não somente expressões psicopatológicas da loucura (como seria próprio de seu metiê), mas imagens que possuem um inquietante parentesco com aquilo que os artistas modernos estão produzindo. Seu olhar parece ser transformado pelo contato com as obras; o que ele vê é outra coisa. Houve uma alteração no campo de visibilidade. Lima (2004)

Ele identifica os trabalhos analisados de obras de “artistas” e não de pacientes. Em 1929 publica *A Expressão Artística dos Alienados*, falando de uma estética que inclui deformações e distorções figurativas, com caráter simbólico. Sua pesquisa se insere na fronteira entre psiquiatria, psicanálise e arte.

As práticas também são transformadas: cria-se a “*Escola de Artes Plásticas do Juquery*” fundamentada nas teorias psicológicas, principalmente Freud e Prinzhorn e estéticas com destaque para o conceito de arte bruta de Dubuffet. As preocupações de Osório César eram de caráter clínico, mas também social. Para ele, a finalidade primordial, era buscar profissões de acordo com a capacidade de cada paciente, com o propósito de profissionalização em arte, e enfatizar a idéia de uma perspectiva de

vida em consonância com as riquezas que a loucura pode oferecer ao conjunto social, isto é, na potencialização de sua força e não em sua disciplinarização pelo trabalho.

E na década de 1940, no Rio de Janeiro, época em que o ensino da arte, está fundamentado na livre expressão, surge o trabalho de Nise da Silveira, seu interesse pelas atividades artísticas era parte de uma preocupação com os rumos da psiquiatria de sua época e do compromisso em criar procedimentos terapêuticos para a esquizofrenia de caráter humanista. Ela seguiu o caminho da terapêutica ocupacional, entendida por ela num largo sentido, tinha como objetivo encontrar atividades que servissem aos doentes como meios de expressão. “Será preciso” dizia ela “partir do nível não verbal. É aí que se insere a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente”. (Silveira, 1982: 102).

Os trabalhos de Nise da Silveira e de Osório César estão atravessados pela idéias veiculadas pelas vanguardas modernistas no campo das artes - que, por sua vez, foram fortemente influenciadas pela psicanálise - e possuem uma coloração fortemente romântica. Neste sentido há uma ênfase no caráter expressivo da linguagem plástica, carregada de força psíquica, como no expressionismo, e na idéia de criação guiada pelo processo primário, o sonho e a fantasia, de inspiração surrealista. (LIMA, 2004: 8)

Após transitarmos por estas trajetórias de atividades e comprometidos a seguir com nossa proposta, fomos buscar no mentor espiritual Léon Denis (1922), em sua obra, “A espiritualidade e arte” que analisa a participação do mundo espiritual na criação artística e demonstra, com imenso critério, o mecanismo da inspiração, “procedimento de transmissão da luz divina”, e o importante papel que ela desempenha, não só na evolução das artes, mas na evolução do pensamento e dos sentimentos. Com o seu estilo inconfundível, e irretocável em todos os sentidos além de nos enriquecer com seus esclarecimentos, permite que o acompanemos pelos etéreos caminhos da criação artística, fazendo-nos pressentir todo o encanto, todo o enlevo que a verdadeira beleza proporciona aos que têm o privilégio da sua visão.



Resultados e reconhecimento

A beleza - em sânscrito — *Bet El Za-*, “lugar onde Deus brilha”, com a participação dos pacientes, começou a manifestar e as dependências do hospital ganharam um novo visual. Cores, formas, mandalas, adesivos de parede com paisagens e iconografia ocupam espaços estratégicos para dar vida e harmonia nos muros, varanda e quiosque. ‘

A beleza é um dos atributos divinos. Deus pôs nos seres e nas coisas esse encanto misterioso que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração, às vezes de entusiasmo. A arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, apenas um reflexo [...] Pelo menos, podemos conhecê-la pelo espetáculo que o Universo oferece aos nossos sentidos e também pelas obras que ela inspira aos homens de gênio.

Reverenciando a beleza “lugar onde Deus brilha” – aos sábados, das 15 h às 17 h, em volta a uma mesa coberta com toalha branca e ornamentada com flores naturais, ervas medicinais colhidas das jardineiras, cabaças pintadas, flâmulas, objetos de arte, o grupo desenvolve atividades preparadas especialmente para os portadores de transtorno mental e dependente químicos.

As áreas verdes recuperadas com ervas medicinais e plantas ornamentais — rosas, malvas, gerânios, lavandas, capim limão, samambaias, jasmims, camélias, gardêneas – perfumam, dão vida aos ambientes e são utilizadas para chás e elementos do trabalho nas atividades desenvolvidas pelos médiuns.

Raios de luz e cores, sons e perfumes, estão ligados por um encadeamento, uma espécie de escala da qual cada nota representa uma soma particular de vibrações e que constitui, em seu conjunto, uma unidade perfeita. Se a ela se juntam as formas e as linhas, essa unidade

se tornará a lei geral do belo, e a arte, em suas múltiplas manifestações, terá por objetivo reproduzi-las. (Denis, 1922)

Começamos a entender a sensação ligada à experiência da beleza. Era uma sensação de dignidade em que pessoas podem se sentir mortais ou divinas pela simples influência do seu ambiente físico. Tudo se relaciona e interage, por isso a escolha dos elementos para compô-lo é fundamental no intuito de se chegar a ambientes confortáveis e seguros. Os elementos nada mais são que os atributos de humanização e beleza para agregar o valor pessoal ao espaço físico.

De mãos dadas, prece espontânea e canto fluidificam a água e o lanche preparado pelas casas espíritas. Em seguida, contadores de histórias exercem sua arte. Tal experiência, aliada ao ambiente, oferece a imagem de um mundo melhor, que ainda, por um instante produz um momento feliz... e do indivíduo (paciente) frui sua história, e a esperança e a vontade de dar um novo fim a dor, ao sofrimento, a crueldade e a sensibilidade mutilada. Vivencia— se uma libertação.

Compreende e encontra compreensão, resposta a seus instintos e demandas, ocorre um rompimento de reificação de sua história. A potência consoladora da linguagem simbólica das histórias abre caminhos, alimenta a imaginação, nos reconecta com parcelas esquecidas do nosso ser.

Matos & Sorsy (2006) nos instrui que a universalidade dos temas dos contos como amor, desamor, traição, ciúme, crueldade, encontro, desencontro, perda, esperança são sentimentos que podemos encontrar na base das experiências que tecem a existência humana, independente do tempo ou lugar, e se torna acessível a todas as idades e classes sociais.

Neste ponto, há um inter cruzamento da proposta definida pela AME, as atividades como dança, tai chi chuan, canto, trabalho com argila, desenhos, pinturas de cabaças, jardinagem, entre outras, passam a ter importância fundamental para o trabalho do grupo, se oferecendo como estratégia de comunicação com o mundo das linguagens



– visual, auditiva, corporal, ganhando consistência nas manifestações que a própria arte cria, para aliviar o sofrimento da vivência psicótica e dos sintomas da abstinência da dependência química.

A visão desta experiência propiciou um solo fértil para a invenção de novos dispositivos e formas de atenção, buscando oferecer uma estrutura na qual o paciente possa participar e construir sua trajetória, na instituição e na vida, e ao mesmo tempo articular as marcas de sua existência de forma a dar sentido e entender a sua experiência de *fazer história e ser capaz de dar sentido diferente nesta história, em especial os dependentes químicos*.

Novos horizontes se abriram nas casas espíritas. O trabalho desenvolvido como prática social apontou caminhos e possibilidades para as vivências espirituais, até então não experienciadas.

No hospital, após três meses de trabalho, os resultados apontavam a diminuição das fugas dos pacientes e a diminuição do uso de medicamentos.

Cada dia o hospital renova seus espaços, novos passos estão sendo dados e por decisão da instituição, o tratamento espiritual hoje, é um procedimento ofertado aos pacientes, em um ambiente especialmente, preparado para as práticas espirituais: evangelização, passes e acolhimento.

No Brasil, a Constituição Federal (CF), em seu artigo 5º, a Lei Federal nº. 9.982/2000 e leis estaduais asseguram e regulamentam a assistência religiosa em hospitais, desde que realizada em comum acordo com pacientes e com os familiares, no caso de pacientes que não estejam no gozo de suas faculdades mentais.

É papel das instituições de saúde facilitar essa assistência espiritual, respeitando os princípios da autonomia e beneficência. No caso de presença de sintomas psicóticos, em que há possibilidade de agravamento do quadro a intervenção espiritual/religiosa. A questão fundamental é

saber quando um paciente atua de maneira autônoma ou se, por qualquer questão, está com essa competência reduzida. Desse modo, precisa-se sempre tentar estabelecer qual o limite entre o respeito à decisão autônoma de um paciente e a proteção àqueles que estão com sua autonomia, mesmo que momentaneamente, comprometida.

Considerações Finais

O relato de experiências, não é uma verdade literal dos fatos, não pode ser simplesmente julgada como verdadeiras ou falsas, elas expressam a verdade do ponto de vista de uma situação específica no tempo e no espaço. É representação que dela fazemos, e pode ser transformadora da própria realidade.

O fundamento do ser humano é a sociabilidade, a convivência em comunidade e em grupo. As formas de organização social defendem elementos fundamentais como o sentimento de pertencimento; a permanência (em contraposição à efemeridade) e a forma própria de comunicação entre seus membros, através de veículos específicos. Hoje a AME com seus membros sente-se parte (pertencimento) e responsável pelo tratamento ofertado no Hospital Otto Krakauer.

O interesse sobre a espiritualidade e a religiosidade sempre existiu no curso da história humana, a despeito de diferentes épocas ou culturas.

Contudo, apenas recentemente a ciência tem demonstrado interesse em investigar o tema. A crença religiosa constitui uma parte importante da cultura, dos princípios e dos valores, do ser humano, e a sua confirmação pode fornecer ordem e compreensão de eventos dolorosos, caóticos e imprevisíveis importantes para tratamento psiquiátrico/psicológico.

O momento que estamos atravessando está se caracterizando pela aceleração do processo de mudança, e tem se acentuado de forma excepcional na década



que denominamos pós-modernidade, exigindo que abordagens dos seres humanos que estão com seus vínculos familiares e sociais rompidos tenham um cuidado especial, pela complexidade que esta condição e circunstância representam. As ações desenvolvidas, no Hospital Otto Krakauer, pela AME constituem um modelo de trabalho voluntário a ser desenvolvidos nas instituições que ofertam a internação em tempo integral.

O trabalho vai se organizando e se manifestando dia a dia, nos espaços físicos, na relação com os pacientes e com a administração do hospital. Novos trabalhos estão sendo propostos sempre referenciando a arte como tema central, afinal ela nos ensina que é possível transformar continuamente a existência, a romper as barreiras de exclusão, ela está embasada não só no talento ou no dom, mas na capacidade de experimentar de cada um, de estimular e se arriscar a desenhar, representar, dançar, tocar, escrever e quem sabe provocar a mudança que se espera de “pacientes” a artistas.



Bibliografía

- AMARANTE, P. (1996). *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 66.
- FOUCAULT, M (2000). *História da loucura na idade clássica*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva.
- GOFFMAN, E. (1982). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- DENIS, L. (1922). *O Espiritismo na arte, 1922*. Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/leon%20denis%20livros/O%20Espiritismo%oonline>
- LIMA, Elizabeth (Sin fecha). *Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/oficinas.pdf>
- MACHADO, R. (comp) (1978). *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- MEZZOMO, A. (2002). *Humanização Hospitalar*. Fortaleza: Realce Editora. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../206199.pdf>
- MÜLLER, M. C. (2014). *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/irmaosmaristas/espiritualidade.pdf
- SILVEIRA, Nise. (1982). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

